



EURE

ISSN: 0250-7161

eure@eure.cl

Pontificia Universidad Católica de Chile
Chile

Ultramari, Clovis

Um acidente e duas perspectivas analíticas: o Grande Terremoto de Lisboa e os estudos de Edward Paice e de Rui Tavares

EURE, vol. 39, núm. 118, septiembre-diciembre, 2013, pp. 269-274
Pontificia Universidad Católica de Chile
Santiago, Chile

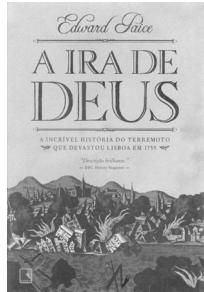
Disponible en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=19627538010>

- Cómo citar el artículo
- Número completo
- Más información del artículo
- Página de la revista en redalyc.org

redalyc.org

Sistema de Información Científica

Red de Revistas Científicas de América Latina, el Caribe, España y Portugal
Proyecto académico sin fines de lucro, desarrollado bajo la iniciativa de acceso abierto



**UM ACIDENTE E DUAS
PERSPECTIVAS ANALÍTICAS:
O GRANDE TERREMOTO DE
LISBOA E OS ESTUDOS DE
EDWARD PAICE E DE RUI TAVARES**

Edward Paice - Rui Tavares

Este texto resulta da leitura de dois livros considerados seminais para o debate sobre um determinado fenômeno natural, que implicou em grandes impactos sociais e econômicos sobre uma cidade, e que ainda segue lembrado na discussão de adversidades similares de nossa contemporaneidade. Propositadamente, para se discutir um mesmo objeto, optou-se pela leitura de dois livros distintos na aproximação investigativa que lhe dão. Um, é *O pequeno livro do grande terramoto*, de Rui Tavares, originalmente escrito em português; outro, é *The wrath of God*, de Edward Paice. Ambos os autores estão entre os mais recorrentes no resultado de pesquisa no Google, quando se aplica os termos Lisboa e terremoto (seja em inglês, seja em português) e também quando se filtra os resultados para links de origem acadêmica ou resenhas em jornais. A escolha dessas obras e desses auto-

res para essa dupla resenha resulta, pois, não apenas de seus usos como referenciais teóricos em trabalhos pretéritos, mas também das suas reconhecidas recorrências bibliométricas. O objetivo principal desta resenha não é, portanto, o de apresentar e sumariar as obras, mas sim o de sugerir um debate sobre como cada qual adota uma perspectiva científica distinta, para compreender e relatar o conhecimento sobre um mesmo objeto. Ambas as obras foram escritas nos momentos em que se relembraram os 250 anos do grande terremoto de 1775, em Lisboa, e em um contexto global com crescente número de acidentes naturais envolvendo igual crescente número de perdas humanas e materiais.

O assim denominado Grande Terremoto de Lisboa é, na realidade, uma tripla adversidade causal composta da sucessão temporal de

terremotos, ondas gigantes e incêndios que se iniciam no Dia de Todos os Mortos, 1º de novembro. Seu resultado, estimado em termos de mortes, está em aproximadamente 30 mil pessoas: surpreendente, em números absolutos e também em valores relativos para a quarta maior capital europeia e importante porto comercial mundial de então. Tal evento, além de ser mensurado pelo impressionante número de perdas humanas e pela avassaladora destruição urbana que implicou, é também recorrentemente lembrado pelos seus demais impactos diversos e mesmo externalidades. Destes, minimamente seis merecem destaque:

1. O projeto e obra urbanística de reconstrução de Lisboa levada a cabo pelo Marquês de Pombal, homem que atuou em nome do Rei e que teve poderes seguidamente ampliados, sempre justificados pela sua conhecida máxima de “enterrar os mortos e alimentar os vivos”;
2. O debate filosófico que o terremoto provocou na Europa, inserindo-se nas chamadas controvérsias setecentistas e trazendo ao escrutínio a teoria do otimismo, de Leibniz (1646-1716) ou o estoicismo expressado pelo descendente de portugueses Espinoza (1632-1677). Deste modo, o Grande Terremoto serviria para testar a validade de se considerar a liberdade, não como uma capacidade de se dizer “não” a algo que não se gosta, mas de se dizer “sim” a adversidades, submetendo-nos estoica e inelutavelmente a elas;
3. O desesperar de uma compreensão contrária por parte de Voltaire (1694-1778), revelada com ceticismo em seu *Poème sur le désastre de Lisbonne* (2005, original de 1755), onde o autor questiona porque Lisboa, e não outras cidades igualmente pecaminosas como Londres ou Paris, teria merecido o castigo. Essa mesma crítica ao otimismo é logo complementada com a ironia, agora na obra *Candide ou l'Optimisme* (1990, primeira edição 1759), onde todas as tristezas se justificam por um simples acreditar que não há mundo melhor que este que se nos apresenta (tudo está bem no melhor dos mundos possíveis);
4. A reação - em carta a Voltaire - de Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), o qual enxerga na quase culpabilização divina, apresentada pelo então amigo, um desvio das verdadeiras razões do Grande Terremoto. Para Rousseau, os males de nossas vidas seria resultado, tão somente, de nossos próprios desígnios; ao descrever a forma de ocupação de Lisboa, lança pois as bases para um entendimento mais contemporâneo de nossas vulnerabilidades, fruto de erros humanos e sociais, e não da simples ira divina;

5. O acirramento de antigos e arraigados conflitos na sociedade portuguesa e europeia: católicos desejavam ver, na causa da adversidade, a presença entre eles de protestantes e jesuítas, membros da corte de Portugal elaborando estratégias para melhores inserções no poder, a partir de ações na reconstrução nacional; 6. A constituição do terremoto em referência verdadeiramente moderna, no debate sobre grandes acidentes naturais e suas implicações sociais: a partir do evento de 1755, os desígnios de Deus serão também debatidos segundo a organização societária, a ação do Estado que a representa, das técnicas e opções mais adequadas para um processo de reconstrução, de ideias que se constituiriam na gênese do conceito mais atual de vulnerabilidade e de procedimentos de solidariedade internacional que se reproduziriam no mundo globalizado contemporâneo.

A obra de Edward Paice, pesquisador com interesse também na África e Século XVII, tem obtido interesse não apenas do leitor especializado, mas igualmente do grande público; rara e desejada combinação no mundo acadêmico. Com passagem pela Magdalene College, da University of Cambridge, Paice tem fundamentado seus livros na pesquisa a fontes primárias: para *A Ira de Deus serve-se*, fundamentalmente, de documentos produzidos pela classe comercial inglesa com interesses na economia portuguesa e / ou moradora da cidade de Lisboa. A obra de Rui Tavares, historiador, escritor e pesquisador que acumula o papel de deputado no Parlamento Europeu desde 2009, estranhamente não foi ainda tra-

duzida para o inglês e vê seu impacto, portanto, reduzido para além do mundo lusófono.

De imediato, a diferença que se observa entre as duas obras é a forma como seus autores se relacionam com os leitores, por meio de dois modos distintos de repassar as informações e conclusões. Paice descreve o acidente por meio da lente de um determinado grupo social, o de comerciantes ingleses, os quais produziram um volume surpreendente de relatos sobre a população de Lisboa e sua reação quando do terremoto. A leitura da obra de Paice permite ao leitor adquirir, para posterior síntese, detalhes diversos de indivíduos que, em suas vidas privadas, buscavam sobreviver em meio a uma adversidade de difícil compreensão para seus contemporâneos. Se Paice é profícuo na descrição do sofrimento, do pragmatismo e das soluções encontradas pelos moradores de Lisboa, é parcimonioso na descrição do papel do estado português, ou de quaisquer outras agremiações societárias que permitissem observar posturas de grupo e com representatividade. Valoriza-se o privado, o individual, e reduz-se a importância do conjunto. Ainda assim, não se pode dizer que Paice opta pela perspectiva das vidas privadas ao relatar os fatos referentes ao Terremoto; este autor recorta seu universo de interesse investigativo pelo olhar privado sim, porém estrangeiro, muitas vezes moradores de Lisboa, porém sem perspectivas de prosseguir vivendo na cidade e, assim, sem interesses maiores em seu projeto de reconstrução. Isso provoca, por exemplo, uma reduzida importância dada pelo texto de Paice ao projeto de reconstrução pombalino. Tavares descreve o acidente por meio do papel da corte de Portugal, ressaltando o que se esperava que ela fizesse, o que tentou fazer, e aquilo que deixou de fazer. Os moradores de Lisboa são, portanto, apresentados ao leitor como uma grande massa homogênea e que assiste seu governo reagir. O autor não se permite descrever reações individuais e prioriza o estudo daquilo que pode ser generalizado ou mesmo universalizado. No lugar

de casas familiares, que sucumbem aos olhos e estranheza dos seus proprietários, esposas e filhos, Tavares, diferentemente de Paice, descreve uma cidade inteira em ruínas e que, quase inteiramente, será reconstruída. Ao leitor das duas obras resta a opção: aceitar a responsabilidade de, com as partes descritas por Paice, configurar o todo urbano, ou assimila o todo já organizado por Tavares, respeitando a perspectiva autoral.

Outra distinção importante que se pode fazer entre as duas obras é a de que uma, a de Paice, agrupa informações, dados e indicações de fontes primárias para pesquisas futuras; a de Tavares nos traz uma tese. Enquanto uma é referencial para construções analíticas futuras do leitor, a outra aporta uma conclusão: a de Paice esconde possíveis e confirmados impactos, numa nova sociedade portuguesa que se constrói a partir do Terremoto; a de Tavares apresenta no que, e como, se transformaria o mundo que orbitava no grande território de Lisboa.

Na obra de Paice, a descrição sobre o Terremoto de Lisboa começa com a revelação de um oceano (o Atlântico), de um rio (o Tejo) e de uma cidade (uma Lisboa diferente das outras capitais de império da Europa). Têm-se, então, elementos concretos em um momento preciso: o trajeto de um paquete saído do porto de Falmouth, Inglaterra, e sua chegada à Lisboa que, na sequência, sucumbaria a uma fatalidade até então nunca vista. Na obra de Tavares, a descrição de seu objeto de estudo inicia-se, ineditamente, pela descrição de um não-objeto. De fato, o autor pergunta, e responde, ao leitor: “E se não houvesse Terremoto?”. Com essa pergunta, inicia um longo raciocínio sobre o que teria sido de Lisboa sem essa adversidade e, literariamente, Tavares chega a afirmar que Pombal não teria existido se não fosse o acidente. Temos aqui a maior contribuição de Tavares: uma técnica de construção analítica às avessas, enriquecendo o entendimento de algo pela sua ausência. Ao in-

vés de convencer ao leitor da pintura que faz da Lisboa de antes e da Lisboa do depois do Terremoto por meio de fatos, Tavares arrisca-se no gênero historiográfico contrafactual, ou seja, arrisca-se a contradizer a máxima de que contra fatos há, sim, argumentos. Com isso, Tavares ganha ainda mais a atenção do leitor, e já o prepara para crer que a nova Lisboa, pós-desastre, será sem dúvida, uma nova cidade.

As duas obras ainda se diferenciam pelo seus recortes temporais priorizados: Paice gasta mais tempo na apresentação do momento do desastre; Tavares prefere a situação pós-desastre e a reconstrução. Com isso, as obras parecem optar, cada qual, por uma perspectiva investigativa: o primeiro, se aproxima do evento como uma fatalidade; o segundo, como um fenômeno que implica em mudanças para além da simples destruição. Tavares parece reconhecer a validade do pragmatismo de Pombal: se o acidente ocorreu, o que é possível fazer para que o cotidiano seja retomado e, muito mais que isso, quais são as opções e o porquê das escolhas daqueles com poder de decisão? O livro de Paice nos traz algumas reproduções do momento do desastre, apenas; Tavares, a essas, acrescenta os planos urbanísticos e arquitetônicos propostos para a reconstrução lisboeta. Em termos de personagens descritos, Paice retrata alguns viajantes ingleses que teriam vivenciado o terremoto; Tavares faz recorrências com a figura de Pombal em seus esforços durante a reconstrução.

Finalmente, uma similaridade: ambos reiteram a importância do debate filosófico que o Terremoto provocou na Europa de então. Aí está o ganho que se teve com o desastre reconhecido por ambos. Não apenas os ilustrados da época serviram-se de filosofias em voga para buscar entender o que havia ocorrido, como também, serviram-se do acidente para rejeitar outras. Paice e Tavares se alongam numa rica discussão sobre a

possível ira de Deus em direção a humanos desrespeitosos de suas leis, e sobre erros ao se construir cidades. Estar-se-ia, pois, iniciando a construção de um conceito que hoje já nos parece familiar: a da vulnerabilidade social frente a adversidades naturais. Por último, ambos os autores concordam que o Terremoto de Lisboa em 1755 inaugura uma nova era no entendimento das adversidades que a história contemporânea ainda revelaria. Paice nos traz detalhes de como a comunidade internacional (monarquias europeias) se organizam para o envio de ajuda: uma excelente fonte para se entender a ação da atual solidariedade internacional contemporânea. Tavares nos analisa o perfil de um difícil processo de reconstrução urbana: uma ótima referência para se entender as implicações da ajuda externa, dos interesses de grupos locais e da determinação de prioridades em esforços diversos frente a situações de emergência, num mundo em constante e ampliado risco.

©EURE

Referências

- Paice, E. (2008). *The wrath of God: the story of the Great Lisbon Earthquake of 1755*. Londres: Quercus.
- Tavares, R. (2005) *O pequeno livro do grande terramoto*. Lisboa: Tinta-da-China?
- Voltaire F. M. A. (1990). *Candide ou l'optimisme*, Paris: Classiques Larousse, Larousse.
- Voltaire F. M. A. (2005). *O Desastre de Lisboa* [seguido de Carta a Voltaire, por Jean-Jacques Rousseau]. Lisboa: Frenesi.

Clovis Ultramari.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ.
E-MAIL: ULTRAMARI@YAHOO.COM